

Revista GeoUECE

Programa de Pós-Graduação
em Geografia - ProPGeo

Universidade Estadual
do Ceará - UECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

A produção social do espaço e o ensino da cidade de São Gonçalo

Ana Claudia Ramos Sacramento
Camila Vianna de Souza

Citação: SACRAMENTO, A. C. R.; SOUZA, C. V.
A produção social do espaço e o ensino da cidade
de São Gonçalo. Revista GeoUECE (Online), v. 5,
n. 8, p. 06-32, jan./jun. 2016. ISSN 2317-028X.

A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO E O ENSINO DA CIDADE DE SÃO GONÇALO¹

THE SOCIAL PRODUCTION OF THE SPACE AND THE CITY'S EDUCATION OF SÃO GONÇALO

LA PRODUCCIÓN SOCIAL ESPACIO Y LA EDUCACIÓN DE LA CUIDAD SON GONÇALO

Ana Claudia Ramos **SACRAMENTO**²
anaclaudia.sacramento@hotmail.com

Camila Vianna de **SOUZA**³
Kmi.la.souza@hotmail.com

RESUMO

O trabalho em questão tem como objetivo abordar as relações da produção social, atreladas às transformações espaciais com discussões de conceitos que são de suma relevância para a ciência, como espaço e paisagem. Buscou-se também dialogar e exemplificar as teorias através da materialização da cidade, da relação Sociedade X Natureza, e do processo de tecnificação. Nesse contexto, a abordagem da Cidade de São Gonçalo possibilita a interação com o espaço vivido a partir das práticas socioespaciais, como ainda das relações globais e locais, a partir de reflexões de cidade e urbano, que podem ser fomentadas para o Ensino de Geografia. A metodologia de pesquisa, tendo como concepção teórico-metodológica a pesquisa-ação, tem a intenção de mostrar a possibilidade de uma ação efetiva entre o pesquisador/sujeito-objeto de estudo, não sendo uma pesquisa precisa, pois permite aos envolvidos opinarem sobre algo. Como resultados preliminares, possibilitou-se a criticidade dos educandos de duas escolas estaduais do município de São Gonçalo, dos ensinos fundamental ao médio, a partir de um espaço que é vivenciado por eles. Dessa forma, a seleção dos conteúdos ministrados fora importante para entender os fenômenos geográficos que são espacializados em diferentes escalas. A disciplina de geografia escolar é bastante significativa para o raciocínio lógico e espacial, possibilitando assim, o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Palavras-chaves: Espaço Geográfico. Produção Social. Natureza. Ensino da Cidade.

¹ Este estudo faz parte da pesquisa desenvolvida pelo denominado *Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo* financiado pelo CNPQ.

² Professora do curso de Licenciatura e da Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro da Faculdade de Formação de Professores.

³ Professora da Rede Privada Básica de Ensino e Mestranda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro da Faculdade de Formação de Professores.

SACRAMENTO, A.C.R.; SOUZA, C.V. A produção social do espaço e o ensino da cidade de São Gonçalo. Revista GeoUECE (Online), v. 5, n. 8, p. 06-32, jan./jun. 2016. ISSN 2317-028X.

ABSTRACT

The work in question aims to addressing the relations of social production, linked spatial transformations with discussions of concepts that are relevant to science, such as space and landscape. It sought to discuss and illustrate the theories through the materialization of the city, the relationship Society X Nature and technification process. In this context, the approach of the City of São Gonçalo enables interaction with the lived space from the socio-spatial practices, but also of global and local relations, from the city of reflections and urban, which can be promoted to the Geography Teaching. The research methodology with theoretical and methodological design action research, it had the intention to show a possibility of effective action by the investigator/ study subject-object, it is not a research needs, as it allows involved to opine about anything. As preliminary results, made it possible the criticality of the students in two state schools in São Gonçalo, of the elementary school to high school, from a space that is experienced by them. Thus, the selection of the contents were important to understand the geographic phenomena which are spatially at different scales. The subject school geography is quite significant for the logical and spatial reasoning, because enable the students' intellectual development.

Keywords: Geographical Space. Social production. Nature and City Education.

RESUMEN

El trabajo tiene por objeto abordar las relaciones de las transformaciones espaciales por la producción social con discusiones de conceptos que son de suma importancia para la ciencia, como el espacio y el paisaje. Se trató de analizar e ilustrar las teorías a través de la materialización de la ciudad, la relación X Sociedad Naturaleza y el proceso de tecnificación. En este contexto, el enfoque de la Ciudad de San Gonçalo permite la interacción con el espacio vivido de las prácticas socio-espacial, sino también de las relaciones globales y locales, de la ciudad de reflexiones y urbana, que puede ser promovido a la Enseñanza de la Geografía. La metodología de investigación con la investigación-acción del diseño teórico y metodológico, la intención es mostrar la posibilidad de una acción eficaz por el investigador /estudio sujeto-objeto, que no es una investigación de las necesidades, ya que permiten los implicados decir y hacer cualquier cosa. Como resultados preliminares, se dejó la criticidad de los estudiantes de dos escuelas públicas de San Gonçalo de la escuela primaria a secundaria, de un espacio que es experimentado por ellos, por lo tanto la selección de los contenidos eran importantes para entender los fenómenos geográficos que son espacialmente a diferentes escalas. La disciplina de la geografía de la escuela es muy importante para el razonamiento lógico y espacial, permitiendo así el desarrollo intelectual de los estudiantes.

Palabras-llaves: Espacio Geográfico. Producción Social. Naturaleza y Educación de la Ciudad.

1. INTRODUÇÃO

A produção social do espaço é transformada por meio da produção e da apropriação de representações criadas por seu imaginário dentro de um espaço concreto. Espaço este que é contraditório, ou seja, ele se constitui das relações socioespaciais complexas e dialéticas pela forma de produção e reprodução da luta de classe que criam diferentes espaços segregados, segundo (HARVEY, 1980).

Para perceber a forma espacial, de acordo com Harvey (1980), é necessário decifrar as mensagens que as pessoas recebem e passam de seu ambiente construído – suas atividades espaciais na cidade. A sociedade vivencia as complexas relações socioespaciais que se configuram em novas práticas sociais a partir das mudanças e das organizações e reorganizações espaciais em determinados contextos e tempos.

Desta maneira, o presente trabalho tem por finalidade apresentar como a discussão sobre a produção social do espaço e da cidade de São Gonçalo são elementos para se ensinar os conceitos e conteúdos geográficos como parte do projeto Universal *Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano, dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo*, financiado pela CNPQ.

Sobre a metodologia de pesquisa, o foco foi a *pesquisa-ação*, uma vez que o trabalho foi orientado não só por nossa ação, mas também por todos os envolvidos que, direta ou indiretamente, trabalharam no projeto buscando uma articulação dos sujeitos como pesquisadores e mediadores do conhecimento, e não somente como “reprodutores”. Segundo Thiollent (2007), a pesquisa-ação traz a possibilidade de uma ação efetiva entre o pesquisador e seu objeto, não se limitando a uma pesquisa precisa, mas permitindo aos envolvidos “fazerem”, “dizerem” algo. A ação é um movimento duplo, e à medida que se torna significativa ao processo escolar, não é só executada pelo pesquisador, mas por todos os envolvidos na pesquisa.

Como sujeitos do projeto, além dos estudantes de duas escolas estaduais do município de São Gonçalo-RJ, envolveram-se as professoras bolsistas, supervisoras

do PIBID-CAPES e Treinamento e Capacitação Técnica (TCT) - FAPERJ, os estudantes bolsistas da graduação de Iniciação à Docência - PIBID-CAPES, Iniciação Científica da FAPERJ, e do ensino médio Pré-iniciação Científicas (Jovens Talentos) FAPERJ. Cada um tinha atividades específicas e conjuntas no projeto, o que foi importante para a construção e a produção do conhecimento geográfico acerca da Cidade e do Urbano de São Gonçalo.

Primeiramente, optou-se por analisar a cidade como um espaço que se encontra em constante movimento, e que apresenta relações espaciais complexas e contraditórias. Além disso, desejou-se mostrar a relação da política com a produção social, destacando a expansão do capitalismo como relevante para compreender as contradições, conflitos, crises sociais e econômicas; e a própria organização da divisão do trabalho, que vai ocasionar a utilização inadequada, ou seja, a exploração da sociedade e da natureza. Para tanto, trabalhou-se com autores como (HARVEY, 2005; LEFEBVRE, 2008; SANTOS, 2008).

Posteriormente, enfatizou-se o debate sobre o conceito de paisagem, fomentado pela produção social e técnica, da qual é feita uma breve contextualização de como pode ser trabalhado este conceito de diferentes formas. Assim, consoante Rodriguez; Silva e Cavalcanti (2010); Santos (1994), faz-se importante ressaltar a relação da paisagem com suas transformações em seu espaço, ligada à tecnificação e ao discurso de “desenvolvimento” e de “modernidade” incentivada pelo sistema capitalista. Por fim, discutiu-se destacar a questão do ensino da cidade, tendo como referência a discussão sobre São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a qual é abordada como conteúdo. Os conceitos, assim, foram trabalhados em escolas estaduais em diferentes turmas do ensino fundamental e médio.

2. O ESPAÇO E A CIDADE: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO

O espaço é um conceito que os geógrafos tentam ainda hoje definir. Ao longo da história do pensamento geográfico, não se conseguiu chegar a uma conclusão da grandiosa complexidade do que é o espaço. Mas deve-se pensar que: “ele é a produção social que o homem exprime através dos tempos”, sendo transformado pelas ações humanas ao longo dos anos, com a chegada das técnicas, a inserção da globalização e da própria mecanização do espaço. Esse mesmo espaço encontra-se cada vez mais artificial, logo, as ações e objetos são integrados, o que faz com que os espaços sejam condicionados, recriando-se, modificando-se; o que vai intervir na sua dinâmica e estrutura.

O conceito de espaço é estudado por muitos geógrafos, porém, Santos (2008, p. 63) compreende-o como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá.”

Estes sistemas precisam ser entendidos como grandes dinâmicas do processo humano, que ao combinar cultura, emoção, sensação e técnica fizeram com que estes continuassem a produção do homem no espaço.

Outro aspecto a mencionar está relacionado ao tempo aos quais os objetos são incorporados sucessivamente ao longo dos processos histórico e geográfico, constituindo também o espaço. Nesta perspectiva, o tempo mostra como a história das sociedades se desenvolveu como marca de uma cultura, de uma técnica, que transformam o espaço. Sendo assim, o tempo e o espaço andam conjuntamente, registrando a vivência de um determinado povo. O tempo mostra a caracterização do envolvimento e da criação dos objetos, que são construídos de acordo com o tempo histórico diferenciado e que cristalizam um momento.

É importante ressaltar que essas transformações e contradições no espaço, para Lefebvre (2008, p. 56) (...) “não advêm de sua forma racional, tal como ela se revela nas matemáticas. Elas advêm do conteúdo prático e social e,

especificamente, do conteúdo capitalista”, que podem ser exemplificadas no cotidiano urbano. Logo, pode-se entender que o tempo e o espaço se interlaçam, completam-se e podem ser visualizados, como por exemplo, nas cidades, onde se materializam as produções e reproduções espaciais.

O processo de urbanização das cidades vem sendo intensificado cada vez mais através das práticas espaciais e temporais, que são fomentadas por inúmeras vezes, pelo sistema capitalista, diante de questões políticas, econômicas e culturais.

A organização do espaço geográfico ao longo dos anos vem sendo dinamizada pelo sistema capitalista, que estabelece relações com a acumulação e a reprodução do capital, com a produção social e espacial, as contradições que são trazidas a partir das crises e a própria relação entre Sociedade x Natureza.

A acumulação incentiva o sistema capitalista a ser cada vez mais dinâmico e expansível, com o intuito de revolucionar os diferentes espaços, como por exemplo, as cidades, os países e o mundo em que se vive, gerando também movimentos desiguais, que permanecem estampados nos mesmos espaços, ou seja, as crises sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. Para Harvey (2005, p.43):

Em cada um desses aspectos, o progresso da acumulação talvez encontre uma barreira que, uma vez atingida, provavelmente precipitará uma crise determinada pela natureza. Como, nas economias capitalistas desenvolvidas, a oferta da força de trabalho, a oferta dos meios de produção e da infraestrutura, e a estrutura de demanda são todas “produzidas” no modo capitalista de produção, Marx concluiu que o capitalismo tende, ativamente, a produzir algumas das barreiras para o seu próprio desenvolvimento. Isso significa que as crises são endêmicas ao processo capitalista de acumulação.

Com isso, compreende-se que as crises se manifestam de maneira diferenciada, variando pelas condições de circulação, produção espacial e produção temporal. As crises acabam sendo enfrentadas a partir das situações propostas pelo próprio sistema capitalista, que pode não apresentar resultados únicos a esse processo desigual de racionalização imposta.

A racionalização geográfica do processo de acumulação e de produção nos faz retomar a ideia apresentada anteriormente por Santos (1994), em que o meio-técnico-científico-informacional, podem ser visualizados na organização e na própria

dinâmica das cidades, isto é, na expansão das industriais, na importação e exportação de matéria-prima, em inovações tecnológicas, entre outros. Conforme Harvey (2005, p. 50):

As inovações desse tipo, que, em geral, liberam a produção das fontes locais de poder, permitindo a concentração da produção em grandes aglomerações urbanas, desempenham a mesma função das inovações associadas ao transporte, que servem para anular o espaço pelo tempo. A expansão geográfica e a concentração geográficas são ambas consideradas produtos do mesmo esforço de criar oportunidades para a acumulação do capital.

É preciso destacar que os espaços passam, então, a ter valor de uso, de troca, monetário e mais uma vez, ocasionam transformações na paisagem. As paisagens são construídas, apropriadas, geram acumulação e quando não apresentam mais serventia ao sistema capitalista, acabam sendo desapropriadas e destruídas novamente, para serem reorganizadas e recriadas.

Nesse sentido, as paisagens criadas pelo sistema capitalista são representadas pelos conflitos, tensões, contradições, não havendo harmonia entre a sociedade, natureza e economia. Ainda para Harvey (2005, p. 69): “A sobrevivência do capitalismo é atribuída à capacidade constante de acumulação pelos meios mais fáceis. O caminho da acumulação capitalista seguirá por onde a resistência for mais fraca”.

A ideia de mercantilização vem sendo produzida através do capital, ou seja, transformando a natureza em um bem público, que precisa ser direcionado; porém, o que percebemos é que o sistema capitalista direciona a natureza à lucratividade e a uma intensa exploração.

Portanto, a relação da sociedade com a natureza, sob a forma como o capitalismo vem se constituindo, encontra-se cada vez mais fragmentada, ou seja, é como se o homem não fizesse parte da natureza, criando, dessa maneira, uma dimensão de dicotomia, que faz com que a sociedade e a natureza sejam intensamente “propriedade” do capitalismo, a partir do meio-técnico-científico-informacional, das diferentes espacialidades, principalmente nos espaços urbanos, propagando ainda mais o processo de globalização, exclusão, desigualdades e crises.

Tendo como premissa as cidades, pode-se aprofundar as discussões sobre a vida cotidiana, pois os indivíduos produzem e reproduzem um determinado espaço, onde são criadas as percepções e concepções de tal localidade e por fim, onde são estabelecidas as relações entre as práticas vivenciadas no espaço urbano, baseadas nas produções e reproduções capitalistas. Assim, para Lefebvre (2008, p. 47):

A cidade tradicional tinha, entre outras, essa função de consumo, complementar à produção. Mas a situação mudou: o modo de produção capitalista deve se defender num front muito mais amplo, mais diversificado e mais complexo, a saber: a re-produção das relações de produção. Essa reprodução das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazeres e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro.

Pensando nessas questões, é possível compreender que a cidade pode ter diversos significados, atingindo diferentes sujeitos, que vivenciam a mesma localidade e por esse motivo, a cidade cria suas próprias histórias, reproduz os espaços, através daqueles que a compreendem e se apropriam das espacialidades, ou seja, a cidade não é estática e nem representa apenas uma forma, na verdade, ela está em constante movimento.

Com isso, compreende-se que a cidade tem relação com a vida humana e não deve ser vista como uma espacialidade singular, mas sim como um espaço de aprendizagem, com características específicas, que podem ser entendidas através da sua dinâmica, estrutura e função na atualidade e ainda, em seu processo histórico, no qual o espaço foi produzido.

Nesse sentido, pensa-se que a produção do espaço é a compreensão da produção social, que apresenta lógica e dinâmicas próprias, ou seja, uma relação de acumulação e reprodução do espaço, em que acontecem também as crises e as desigualdades no desenvolvimento de diferentes lugares, portanto, uma expansão do sistema capitalista e de suas contradições. Assim afirma Lefebvre (2008, p.57):

Com efeito, o espaço da sociedade capitalista pretende-se racional quando, na prática, é comercializado, despedaçado, vendido em parcelas. Assim, ela é simultaneamente global e pulverizada. Ele parece lógico e é absurdamente recortado. Essas contradições explodem no plano institucional. Nesse plano percebe-se que a burguesia, classe dominante, dispõe de um duplo poder sobre o espaço; primeiro pela propriedade privada do solo, que generaliza por todo o espaço, com exceção dos direitos da coletividade e do Estado. Em segundo lugar, pela globalidade a saber, o conhecimento, a estratégia, a ação do próprio Estado. Existem conflitos inevitáveis entre esses dois aspectos, e notadamente entre o espaço abstrato (concebido ou conceitual, global e estratégico) e o espaço imediato percebido, vivido, despedaçado e vendido. No plano institucional, essas contradições aparecem entre os planos gerais de ordenamento e os projetos parciais dos mercadores de espaço.

Diante de todas as contradições do sistema capitalista e do contexto neoliberal, acreditamos, que se faz de suma importância mencionar um conceito relacionado ao espaço urbano, bastante debatido por muitos teóricos: o Direito à Cidade, que fora desenvolvido por Lefebvre (2008, p. 31):

“...o direito à cidade refere-se à globalidade assim visada. Não se trata de um direito natural, decerto, nem contratual. Em termos tão “positivo” quanto possível, o mesmo significa direito dos cidadãos citadinos e dos grupos que eles constituem (sobre a base das relações sociais) de figurar sobre todas as redes e circuitos de comunicação, de informação, de trocas. O que não depende nem de uma ideologia urbanística, nem de uma intervenção arquitetônica, mas de uma realidade ou propriedade essencial do espaço urbano: a centralidade. Não existe uma realidade urbana, afirmamos aqui alhures, sem um centro, sem uma reunião de tudo o que pode nascer no espaço e nele ser produzido, em encontro atual e possível de todos os “objetos” e “sujeitos”.

A partir dessa concepção e do próprio processo de globalização, entende-se que através da organização social e democrática, muitos cidadãos ainda desconhecem seus direitos e por isso, em algumas situações, não analisam as lutas e as incorporações dos direitos sociais. O direito à cidade se caracteriza por entender-se como parte de sua cidade e assim, com direito à ela, ter direito de expressar-se, de lutar por melhorias e participar de sua gestão.

3. NATUREZA E ESPAÇO: TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM, PRODUÇÃO SOCIAL E DAS TÉCNICAS

Pensar as relações espaciais, a produção social, a organização e dinâmica das cidades é também fazer o esforço de refletir como a natureza se encontra nesse processo, já que existe uma conjuntura de proximidade entre as discussões de Sociedade X Natureza. E para além disso, na ciência geográfica, existem várias possibilidades de articulação entre as Geografias (Física, Humana, Política, Econômica, entre outras).

Refletindo acerca das cidades, compreende-se que com a inserção do sistema capitalista, a natureza também foi sendo modificada e transformada, principalmente por conta da técnica, ou seja, a forma como a cidade se materializa, se produz e se reproduz, o que implica dessa forma no processo natural, este que envolve diferentes dinâmicas socioambientais.

Assim, ressalte-se que as transformações ocorridas estão fomentadas por um discurso hegemônico, que está ligado à burguesia, num contexto de enaltecimento do sistema capitalista através da economia. Ademais, aquelas estão atreladas ao suposto discurso de “desenvolvimento” e “modernidade” que configura a natureza. Opta-se por trabalhar com a categoria de paisagem, pois esta combina as relações espaciais da sociedade e dos processos naturais.

Nesse sentido, o conceito de paisagem vai ser discutido por alguns autores, apresentando diversas interpretações dessa categoria, desde a questão mais natural e conceitual, até a questão socioeconômica, ligadas às técnicas.

Para Sauer (2004, p. 23): “O termo “paisagem” é apresentado para definir o conceito de unidade de geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos. Em um certo sentido, “área” e “região são termos equivalentes.” O autor encontra-se representado pela Fenomenologia da Ciência, fazendo a correlação entre Sociedade X Natureza, abordando a paisagem de modo inter-relacionado, sem excluir outros fatores, fazendo com que a paisagem seja vista

como sistema, podendo ou não ser uma representação da Geografia Física, mas sim com posicionamento mais geral, isto é, de Geografia, sem dicotomias.

Já Rodriguez, Silva e Cavalcanti afirmam que (2010, p.18): “A “paisagem” é definida como um conjunto inter-relacionado de formações naturais e antrop-naturais, podendo-se considerá-las como: 1) um sistema que contém e reproduz recursos; 2) como um meio de vida e de atividade humana; 3) como um laboratório natural ou 4) como uma fonte de percepções estéticas”.

O autor também utiliza-se de algumas classificações referentes à paisagem, e para fomentar a discussão, destacamos duas, que julgamos ser mais relevantes nessa abordagem, a *paisagem como formação antroponatural*, que trata as questões antrópica e natural de forma integrada, ou seja, a paisagem vai sendo transformada a partir da relação homem e natureza; e a *paisagem como sistema econômico*, que vai fazer a correlação espacial da sociedade com o desenvolvimento das atividades econômicas, tratando questões sociais e de produtividade, que de certa forma estão relacionadas às questões da técnica.

As influências do desenvolvimento econômico e tecnológico marcam mudanças no sistema capitalista a partir da acumulação, produção e reprodução, em que o mesmo privilegia a classe burguesa e hegemônica, porém, não percebe-se esses investimentos nas áreas sociais, culturais e ambientais, o que gera consequências negativas para a grande maioria da sociedade.

Trazendo essa relação da técnica à vida contemporânea e cotidiana, podemos perceber que todas as transformações na paisagem, são na verdade, e também, percebidas no espaço geográfico. Na cidade notamos a crescente industrialização, exploração dos recursos energéticos e de matérias-primas, consumo desenfreado, escassez de água, tudo mera exemplificação de como a natureza vem sendo deteriorada.

Essas transformações no espaço geográfico modificam o meio de vida do homem, seu entorno, sua forma de observar o mundo, logo, a paisagem vai se adaptando e se moldando às ações antrópicas. A ciência, a tecnologia e a informação são de suma importância para a dinâmica do espaço geográfico, para o

processo de produção e reprodução da própria paisagem. Esses espaços geográficos modificados visam sempre atender aos interesses burgueses e de uma sociedade hegemônica, o que estimula o processo de globalização, tal como afirma Santos (1994, p. 20):

Nessas condições, e como resultado da globalização, o próprio espaço se converte num dado da regulação, seja pela horizontalidade (o processo direto da produção), seja pela verticalidade (os processos de circulação). Haveria espaços mais ou menos reativos, mais ou menos dóceis às outras formas de regulação. Estes seriam os “espaços da racionalidade”, cuja constituição é mais marcada pela ciência, pela tecnologia e pela informação, espaços mais abertos à realização da racionalidade dos diversos atores.

Portanto, o meio-técnico-científico-informacional está presente nos bairros, nas cidades, nos estados, nos países e na vida cotidiana, onde as ações hegemônicas vão estabelecendo relações com os objetos hegemônicos, incentivando uma economia que vai de encontro à produtividade espacial, sem minimizar os impactos negativos gerados à natureza; e que relacionadas ao processo técnico e da circulação de informação, ligadas ao discurso moderno, vão transformando os espaços e as paisagens.

Por isso a necessidade do desenvolvimento da técnica foi muito importante para o modo de se produzir e, conseqüentemente, para a produção do espaço. Isto porque, como dizia Santos (2008, p. 186), ao longo do tempo vivíamos no meio natural (onde o homem se apropriava da natureza, o necessário para seu sustento); depois no meio técnico (quando o homem começa a transformar o natural em artificial) e hoje, neste mundo globalizado, o meio técnico-científico-informacional (a integração da técnica com a ciência, mantendo relações informacionais), que foi modificando as relações de produção de tal forma que a reprodução social se torna cada vez mais contraditória e conflitante.

O homem, assim, constrói através da técnica, objetos que caracterizam um momento histórico, deixando a sua marca e mudando, quando necessário, a função daqueles; assim, se é preciso continuar existindo ou não, ajudando a modificar o espaço.

O espaço, neste aspecto, tem a dimensão da prática social do homem em inventar, recriar, reproduzir e viver relações sociais com os outros, além de transformar a natureza para seu benefício. E ele cria os sistemas para que estes possam movimentar tudo ao mesmo tempo. Sabemos que o mundo é este, e o espaço, a todo o momento está imbuído da questão do meio técnico-científico-informacional, segundo diz (SANTOS, 2008). A visão do homem é buscar o melhor meio de vida, não só para ele, mas também para aqueles que estão a sua volta.

4. O ENSINO DA PRODUÇÃO SOCIAL DA CIDADE DE SÃO GONÇALO

Pensar a produção social da cidade como um conteúdo para ensinar Geografia, é promover a compreensão das bases do lugar vivido por meio das práticas socioespaciais. Da mesma forma, as relações globais e locais, que se caracterizam pelos fluxos e redes se estabelecem mais rápido no mundo. O significado do estudo da cidade e do urbano permite que os estudantes reflitam sobre as situações que passam em seus bairros e sua cidade, os problemas urbanos, ambientais, sociais, fluxos e redes, dos aspectos físicos, suas paisagens, seus patrimônios históricos e seus arranjos territoriais, tudo que nem sempre é articulado no cotidiano escolar.

Trabalhar a cidade e todo o seu processo de urbanização, os elementos que a caracterizam, bem como a sua dinâmica, torna-se fundamental para o pensar a produção social da cidade, conforme pontua Cavalcanti (2012). Faz-se necessário também, pensar o espaço urbano e sua contradição entre produção e consumo, que está baseada em uma lógica capitalista que segrega os espaços, levando em conta do mesmo modo as questões ambientais.

Articular com os estudantes a questão de cidadania, o ter o direito à cidade, de morar, lazer, educação, trabalho; de produzir, circulação, de vivenciar os seus espaços, de manifestar sua cultura, além do fato de que todos somos agentes ativos na formação e modificação do espaço urbano, e que temos direitos como cidadãos de vivenciar esses espaços e lutar por esses direitos. A escola constitui elemento

fundamental para a formação da cidadania, além de ajudar os estudantes a fazer essa leitura. Para Cavalcanti (2012, p.74):

A cidade é educadora, ela forma valores, comportamentos, ela informa com sua espacialidade, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita. Ela também é um conteúdo a ser apreendido por seus habitantes. No entanto, as possibilidades de uma leitura mais abrangente da cidade dependem de uma formação de cidadão.

Dessa forma, o ensino de Geografia está estritamente ligado à formação de cidadania, pois constrói e reconstrói conhecimentos, capacitando os alunos a terem uma noção do mundo em que vivem; e uma das instâncias formadoras da cidadania são suas práticas cotidianas.

O conhecimento sobre sua cidade é um dos elementos essenciais para se ensinar Geografia, já que conteúdos sobre essa temática - paisagem urbana e todos os elementos que a compõem - são considerados importantes para entender o universo vivido pelos alunos, pois todas as escolas são localizadas em áreas urbanas. A cidade é o lugar de contradições, o lugar com múltiplas funções e dimensões, sendo caracterizados e diferenciados por meio de suas paisagens.

Entender o que é a cidade e como são as suas formas, faz parte da formação dos professores, uma vez que as escolas se localizam nas áreas mais urbanas das cidades, e igualmente, pelos alunos vivenciarem esses diversos espaços. Segundo Castellar (2009, p. 45):

Nesse sentido, estudar a cidade em Geografia é trazer para o currículo escolar essas dimensões do estudo sobre a cidade, é compreender as relações da cidade, na cidade e a cidade, como afirma Bernet (1993), enquanto o lugar das contradições e como um fenômeno dual. Para isso acontecer, o estudo da geografia mnemônica deve ser substituído pela plena educação geográfica. De fato, cada localização no espaço é singular.

Logo, pode-se dizer que a cidade de São Gonçalo vivencia processos de transformações visíveis ou não aos olhos daqueles que caminham por ela. Esta é fruto de uma dada história, que ao longo do tempo foi modificada de acordo com os interesses das grandes corporações, e dos poderes políticos, que se apropriaram

para construir os objetos técnicos, constituindo outras paisagens e outras práticas sociais, aquelas fundamentais na lógica da reprodução capitalista do espaço, consoante (HARVEY, 1980). Os espaços são, assim, organizados para atender às demandas do capitalismo imobiliário, que constroem e destroem as paisagens, que ganham, por consequência, outros arranjos.

Com parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, pode-se dizer que esta cidade é segregada. Um dos grandes problemas da maioria das cidades metropolitanas, como enfatiza Silva (2012), é a pobreza social presente na paisagem, devido ao processo de modernização que exclui os menos favorecidos. Dessa forma, o reconhecimento das formas espaciais e sociais são elementos importantes a serem trabalhados em sala de aula, já que o município de São Gonçalo faz parte deste contexto.

A cidade de São Gonçalo está representada pelos diferentes elementos que a constituem: os homens, as firmas, as instituições, o meio ambiente e a infraestrutura, que a modifica conforme a necessidade de organização da mesma. Esta cidade está impregnada das marcas que se expressam pelas relações sociais, pelas ações políticas que a caracteriza com as múltiplas possibilidades de articulação entre os aspectos físico-naturais, e seus impactos sobre as pessoas que vivenciam e caminham nestes lugares, pontua (LEFEBVRE, 2008).

Ao pensar a produção social do espaço da cidade de São Gonçalo e seus elementos físico-naturais como conteúdo, o que se objetiva com isso? Desenvolver atividades que possibilitam a articulação constante entre o conhecimento científico e o conhecimento prévio do estudante, bem como trazer uma proposta de trabalho que promova a construção do conhecimento geográfico desta cidade a partir de outros conteúdos que são ministrados ao longo do ano, e que são necessários para entender os fenômenos geográficos que são especializados em diferentes escalas.

Assim, o direito dos estudantes está em compreender o mundo em que vivem para serem capazes de fazer as análises críticas e atuar sobre ele, pois é na escola e por ela, ao assumir essa responsabilidade que se permite que eles consigam dialogar com as contradições que se manifestam na cidade, promovendo assim, a

luta pelo direito de viver nela. Também, para que conheça e entenda sua história, sua lógica, seu contexto no mundo atual para ali circular e reconhecer os lugares vivenciados.

Para tanto, entender os conteúdos sobre a cidade de São Gonçalo foi um dos elementos fundamentais para a construção e produção das atividades desenvolvidas em sala de aula, visto que após trazer a cidade como parte do conteúdo, proporcionou-se aos estudantes apreenderem acerca de seus lugares vividos, já que segundo Cavalcanti (2012, p. 64), “a cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e ações, ela expressa esse espaço como lugar de existência das pessoas, e não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado.” Neste sentido, as atividades pensadas a partir da cidade como norteadora, possibilitou aos estudantes conhecerem, analisarem e refletirem mais sobre o lugar em que vivem, estabelecendo uma relação direta com os conteúdos ministrados.

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas estaduais da periferia do município de São Gonçalo, com turmas do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, com um total de 200 estudantes em turmas diurnas e noturnas, com três professoras que buscaram dialogar a importância de pensar os conceitos e os conteúdos geográficos articulados com a discussão sobre a cidade, tudo por meio de diferentes metodologias e recursos didáticos.

Por meio de questionários e de atividades preliminares, buscou-se compreender quem eram esses estudantes, o que conheciam sobre sua cidade e se na escola estudavam sobre ela.

As escolas atendem os estudantes, na sua maioria moradores do bairro, além de três bairros vizinhos. Eles têm níveis socioeconômico e cultural baixos. A comunidade é carente, muitos moram em muitas ruas que não têm saneamento, pavimentação ou água encanada. A maioria das crianças e adolescentes “transitam” entre as Igrejas de diversas denominações “NeoPetencostais”, e também por bailes funk e bocas de fumo.

As atividades preliminares tinham como objetivo compreender um pouco sobre o que os estudantes conheciam da espacialidade da cidade, do ponto de vista

de alguns conteúdos geográficos: observou-se, por exemplo, que eles transitam nos bairros próximos as suas casas, e em bairros mais distantes, para visitar parentes ou grandes amigos. Eles identificam espaços como comércios e serviços, isso porque as grandes empresas se localizam em três bairros específicos. Em outros bairros, identificam médias e pequenas atividades terciárias. Em relação às atividades industriais, conhecem pouco os espaços na cidade, assim como as atividades dos patrimônios histórico-culturais. As atividades referentes à cartografia sistemática, com uso de mapas da cidade, mostraram que os estudantes não conheciam o mapa e nem a divisão administrativa do município. Evidentemente, do ponto de vista do mapa mental, foram construídos e conhecidos muitos lugares interessantes, vivenciados de forma afetiva e por vezes, como lazer para dança.

Após esses resultados, buscou-se articular os conteúdos e os conceitos do Currículo Mínimo de Geografia, do Estado do Rio de Janeiro com elementos presentes na cidade, a fim de que os estudantes refletissem sobre como compreender, de maneira crítica, e participativa seu lugar vivido. Desta maneira, junto com as professoras e os bolsistas graduandos do curso de Geografia, foram construídas atividades de aprendizagem.

Diferentes metodologias de ensino foram realizadas durante as aulas: oficinas didáticas, trabalhos de campo, atividades com jogos, simulações e maquetes. Também, o uso de diferentes recursos didáticos, como música, geotecnologias, mapas da cidade, vídeos e outros; que possibilitaram desenvolver outras maneiras de se trabalhar com os conceitos e conteúdos geográficos.

A elaboração das atividades de aprendizagem permitiu o diálogo entre os estudantes, os professores e os saberes para construir o conhecimento. Pensar em o que, e de que forma ensinar os conteúdos e os conceitos devem ser uma reflexão constante na prática docente, para que sejam compreendidas as diversas dinâmicas e as formas de aprendizagem que permitem aos estudantes apreenderem o conhecimento.

Meirieu (1998) destaca que as estratégias de aprendizagem representam a mesma em ação, que pode ser caracterizada como uma sequência de operações de

assimilação dos dados e operações de tratamento dos dados. Essas estratégias fazem parte do processo de mediação do conhecimento, no qual Libâneo (2009) trabalha a forma como se estrutura e funciona a atividade de aprendizagem, além de elementos como o desejo, as necessidades, os motivos, os objetivos, as ações e as operações, que constituem modos de internalização dos conhecimentos para que os alunos se relacionem com o mundo em que vivem.

Por isso, pode-se dizer que a atividade de aprendizagem é construída a partir do que se quer ensinar e de como se quer ensinar os conceitos e os conteúdos, pois isso está intrínseco à forma como os professores entendem a respeito dos conteúdos didático-pedagógicos e também sobre o que ensinar da disciplina específica, a fim de desenvolver nos alunos os seus processos mentais (LIBÂNEO, 2009).

Um dos conceitos trabalhados refere-se ao de paisagem. Ao analisar as paisagens do município onde vivem, os estudantes percebem a formação e transformação da mesma e como a atual aparência dela é resultado de interesses econômicos, dos processos culturais e sociais da cidade. A paisagem reflete também a dinâmica espacial (as contradições do modo de produção – paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem), mas também mostra o espaço vivido como representatividade do lugar (RODRIGUEZ; SILVA e CAVALCANTI, 2010).

Ao discutir as diferentes paisagens da cidade – o natural de suas praias, seus morros, seu mangue e outros -, busca-se analisar as dinâmicas que estão por detrás da natureza, porque os seus fenômenos representam uma formação sobre a cidade. Simultaneamente e de certa maneira, esses elementos já foram transformados pelos humanos quando criarem-se objetos técnicos com a estrada, a igreja, os shoppings e tantos outros, que modelam e constituem à cidade um outro olhar, uma nova característica. Desta forma, para Santos (2012, p. 71): “A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer crítico. A paisagem é sempre heterogênea”.

Ou seja, a paisagem é construída pelos seus elementos físicos - que têm suas próprias dinâmicas -; mas também pelas relações sociais e econômicas que modificam as formas, os conteúdos de um determinado lugar (RODRIGUEZ; SILVA e CAVALCANTI, 2010).

São Gonçalo tem paisagens que a constitui como tal, que foram construídas por meio de sua história e de suas contradições ao longo do tempo. Assim, perceber e analisar quais são os elementos que constituem a cidade é uma forma de mostrar aos estudantes que a cidade tem diferentes formas que a constroem como tal. Para elaboração desta atividade de aprendizagem, os estudantes deveriam fazer um levantamento de imagens que apresentassem paisagens do município.

A partir dessa atividade, foi resgatado, durante as aulas, o conceito de paisagem, fixando os elementos básicos que compõem uma paisagem, e ainda foi possível perceber a transformação das paisagens, principalmente urbanas, ao longo do tempo, e tendo como principal agente o homem. Algumas das imagens pesquisadas pelos estudantes foram utilizadas para a confecção de cartazes sobre paisagens de São Gonçalo.

Discutiu-se com os estudantes as diferentes possibilidades de análise sobre as paisagens da cidade e como compreendê-las por meio de diversificadas linguagens: as imagens, que oportunizam a percepção da dimensão de que os lugares são diferentes, tem suas marcas e suas identidades. Ao trazer as imagens que referenciam partes da cidade, os estudantes também têm uma identificação, um simbolismo que os auxiliam em suas pesquisas, quando ao escolherem determinados lugares.

Outro conteúdo discutido refere-se ao de bacia hidrográfica, uma vez que a escola se encontra em uma planície de inundação que pertence à Bacia Hidrográfica: Guaxindiba/Alcântara, e entre dois rios: o Rio Alcântara e o Rio Mutondo; o que favorece o alagamento em eventos chuvosos.

A importância de estudar a bacia, os rios e seus afluentes não é simplesmente para determiná-los na escala global, mas para compreendê-los dentro da dinâmica espacial e de suas diferentes escalas, a fim de que os estudantes

saibam analisar quais são os fenômenos organizados a partir da leitura da dinâmica hidrológica, que traz formas de viver das pessoas e de como construir outras espacialidades dos rios e seus afluentes.

Hoje, vê-se cidades em que os rios se tornam subterrâneos para facilitar a mobilidade urbana. Em outros momentos, faz-se drenagem para conter as enchentes das moradias construídas em cima da planície de inundação; em outros casos, cortam o curso do rio para alimentar de água outras áreas. Compreender os tipos de rio, faz com que os estudantes compreendam as formas como esses são modeladas, e que há interação entre clima e relevo. Ademais, os grandes impactos causados pela produção de capital, que poluem os rios causando falta d'água em parte dos lugares.

Ao pensar sobre os temas relevo e bacia hidrográfica da cidade de São Gonçalo, a intenção foi analisar a questão das enchentes que ocorrem tanto no bairro, quanto na escola. Assim, questionou-se: por que acontecem?, O que é uma Bacia Hidrográfica?, Para que serve?, O que tem isso a ver com relevo? Gradativamente, estes foram sendo respondidos empiricamente com a realização das oficinas e dos trabalhos de campo; de modo a que os alunos entendessem a relação dos relevos com os rios, que costumam ter suas nascentes nos pontos mais altos do relevo (planaltos, montanhas, morros, serras etc.). Uma Bacia Hidrográfica converge as águas das chuvas e das nascentes dos rios, do conjunto de relevo que compõe a bacia, para um rio principal ou seus afluentes.

Ao discutir na sala de aula a importância de associar os conteúdos sobre água com o contexto da cidade, desenvolveu-se nos estudantes, a compreensão não só da parte física em si, mas da função espacial que uma bacia e seus afluentes têm no cotidiano. Desta maneira, ao trazer a existência de uma bacia na cidade, permitiu-se que fosse feita uma discussão das diferentes escalas e ao mesmo tempo, do significado desta no lugar vivido. O interessante é que, ainda que hajam na rua da escola, dois rios da mesma bacia, não se havia tido um campo para pensar sobre eles. Assim, na realização do trabalho de campo, a parada no Rio

Mutondo e no Rio Alcântara foi fundamental para levantar algumas questões tanto de ordens físicas, como sociais.

Compreender efetivamente um rio, seu canal, a planície de inundação e a mata ciliar, permitiu aos estudantes observarem, na sua realidade, aquilo que discutiam nos livros didáticos ou nas fotos apresentadas. Analisar as diversas casas sobre a planície de inundação do rio, a falta de esgoto, o excesso de lixos, e as paisagens que expressam uma determinada lógica urbana de moradia, mostrou os contextos sociais das pessoas deste local.

Outra oficina realizada pelos estudantes, refere-se ao conteúdo de Relevo Terrestre e a relação com o lugar. As oficinas permitem desconstruir práticas tradicionais no processo de ensino e aprendizagem, pois a preocupação constante deve ser em desenvolver diferentes metodologias de ensino que sejam significativas para a realidade vivida do estudante em sala de aula, assim como destacam (AFONSO; PERCÍLIO, 2007; VEJA; MORAIS, 2011).

O estudo do relevo é muito importante para compreender o espaço geográfico de um determinado lugar. Sua influência sobre o clima e a vegetação nos leva a confirmar sua importância no aprendizado do aluno. O tema é significativo, pois trata-se de um conceito dentro da perspectiva de uma educação geográfica, visto que faz parte da paisagem cotidiana dos estudantes, que precisam saber diferenciá-los.

Neste projeto, o relevo faz parte do lugar, do cotidiano do aluno, seu lugar de pertencimento, que em muitos momentos pode ser visualizado pela janela da sala de aula. Paisagens distantes, mas tão presentes para eles. A partir da elaboração da oficina, em que os estudantes produziram as maquetes de relevo, fora discutido como o relevo se constitui e como se apresenta nas variadas paisagens de diferentes escalas, principalmente na Cidade de São Gonçalo.

O município apresenta três tipos de relevo em parte de seu território: morros isolados, serras e planícies. Os morros têm média de até 300m, as serras se localizam ao sul, e fazem divisão com Maricá, onde está o ponto mais alto do

município, chamado de Alto do Gaia. As planícies se localizam em toda parte de São Gonçalo, mas em especial na divisa com Itaboraí.

Dessa forma, o relevo é parte constituinte do cotidiano do estudante. Em muitos locais na cidade de São Gonçalo, o relevo foi sendo alterado, como o morro localizado na BR 101, na Niterói – Manilha, que foi cortado para a passagem da rodovia, como observado na altura do bairro Gradim. Nota-se que o relevo está no mesmo local há milênios, e vem trocando energia com o exterior, principalmente com elementos do clima, como as chuvas e ventos. Essas trocas têm resultado na mudança da estrutura do relevo e do que está sobre ele.

Suerteragay et ali (2008) afirma que entender o relevo requer a compreensão dos processos e das dinâmicas que fazem com que este se torne uma feição ou uma forma única da natureza. Para Vega e Morais (2011), o relevo seria as diferentes rugosidades do terreno, representado a partir da diferença de altura. Este é um elemento da paisagem físico-natural, sendo analisada a partir da sua evolução, com a interação dos diversos elementos da mesma paisagem citada acima.

Ensinar o relevo, ganha importância na relação cotidiana do estudante, tanto com o bairro em que vive, como a cidade em que circula. Ele experimenta fenômenos e sensações nas diversas feições e paisagens, o porquê de bairros serem mais frescos que outros, o porquê de alagamentos em alguns bairros, reflexões que só poderão ser realizadas a partir do conhecimento prévio dos saberes e conceitos da Geografia Física.

Ao realizar as atividades, dialoga-se sobre como as diversas formas de relevo aparecem na paisagem e principalmente, se os estudantes observam essas formas nos seus lugares de vivência, ou na própria cidade de São Gonçalo ou no Rio de Janeiro. Ao longo do processo de confecção, os mesmos refletiam sobre o tema e questionavam a influência do relevo em seu cotidiano, e até debatiam sobre outros conceitos: como a paisagem vem se transformando ao longo do tempo, as influências nas questões dos problemas urbanos da cidade; bem como as diversas atividades usadas pelos homens, a fim de modificarem esses relevos.

Outro conteúdo trabalhado por meio de uma oficina didática, refere-se aos problemas urbano-ambientais da cidade. Para tal propósito, foram utilizadas imagens projetadas por slides, vídeos e objetos construídos com materiais recicláveis, e a realização de trabalhos de campo pelo bairro.

Nessa oficina, os estudantes perceberam o quanto é importante a preservação do meio ambiente, pois todos os impactos ambientais gerados pela urbanização desenfreada causam consequências tanto para a natureza, quanto para nós seres humanos. Ao abordar a cidade, os estudantes viram as suas múltiplas contradições, como enfatiza Cavalcanti (2012), que são consequência de um modo de produção que cria constantemente produtos a serem consumidos, que requerem maior uso dos recursos naturais, ocasionando, conseqüentemente, a destruição, depredação e poluição daqueles.

Eles analisaram esses impactos em seu local de vivência e se identificaram com os assuntos, pois muitos relataram fatos vivenciados por amigos e familiares, como os cartazes de propaganda eleitoral, que são um tipo de poluição visual, e são colocados em suas ruas, casas e afins; bem como a poluição dos rios de São Gonçalo, visto que muitos residem próximo ou tem contato com o rio que passa ao lado da escola. Ao final da oficina, os alunos tiveram contato com diversos tipos de objetos feitos com materiais recicláveis, e assim, produziram cartazes de conscientização ambiental.

O *uso das imagens*, que representavam os principais locais de destinação de lixos, dos distintos tipos de poluições e também da enchente que ocorreu na cidade em 2010, tornou a oficina mais visual e dialogada, visto que eles começaram a indagar, questionar e até mesmo levantar possíveis soluções para os problemas apresentados. O *uso do vídeo* do Jornal Nacional - JN no Ar - São Gonçalo RJ 21/09/2010 – aproximou a temática à realidade vivida cotidianamente. Todavia, São Gonçalo é um município de grande porte, logo, possui em si lugares diferenciados, por isso, houve a necessidade de aumentar o detalhamento escalar do conteúdo. Sendo assim, em seguida foi passado *outro vídeo* para os alunos, mostrando o alagamento

que a área do bairro em que residiam e os bairros vizinhos sofreram pelas chuvas de 2010.

A partir dessa aproximação, houve interação e participação dos estudantes, que perceberam o quanto é importante a preservação do meio ambiente. Perceberam esses impactos em seu local de vivência, e se sentiram identificados com os assuntos, pois muitos relataram suas experiências negativas com a situação que tiveram de passar, ocasionada pela falta de infraestrutura urbana para comportar o lixo e de fazer o descarte adequado. Tudo isso se deu a partir de uma leitura da cidade enquanto cidadãos.

Os relatos também eram feitos sobre a enchente que atingiu amigos e familiares, os cartazes de propaganda eleitoral, e a poluição dos rios de São Gonçalo. Vê-se então o papel da escola, que segundo Cavalcanti (2012), é uma das instâncias formadoras da cidadania. E por fim, os *materiais reciclados* apresentados a eles, que tiveram como objetivo a conscientização ambiental, e que, por consequência, demonstrou por meio de uma leitura crítica da cidade, que lixos geram consequências drásticas para a mesma, mas que podem se tornar objetos de utilidade do cotidiano, além de empregar populações e aumentar a economia da cidade.

No trabalho de campo pelo bairro da escola, os estudantes analisaram os conteúdos discutidos nas oficinas em relação aos problemas urbanos e ambientais, bem como a segregação socioespacial; e perceberam as diversas contradições existentes dentro desse espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção social do espaço está presente praticamente em todas as localidades, e por esse motivo, busca-se uma explicação do espaço urbano e da cidade, a fim de mostrar como as relações de produção e de reprodução têm se tornado cada vez mais contraditórias, a partir das transformações que vêm ocorrendo; isto é, mudanças radicais na dinâmica, organização e em sua própria

estrutura. Com isso, é possível notar que as desigualdades sociais, as crises e os conflitos tornam-se mais aparentes, por conta da expansão do capitalismo.

A natureza encontra-se também nesse mesmo processo, sofrendo inúmeras consequências, principalmente, a exploração que aumenta gradativamente através do desenvolvimento econômico, baseado na acumulação do capital, da lucratividade e do discurso de “modernidade”. A chegada da técnica, da ciência e da informação não atende a todas as localidades da mesma forma, e muitas vezes, o que percebemos é a grande fragilidade dos diferentes espaços geográficos.

A geografia, sendo a ciência que estuda o espaço geográfico, não pode ser analisada de forma simplista e fragmentada, pois o natural e o humano se correlacionam; e mesmo que em poucos milênios, as trocas são constantes. Ensinar a geografia é uma forma de mobilizar os estudantes à compreensão dos diferentes fenômenos, que estão especializados e que podem ser transformados conforme a ação humana.

Dessa forma, estudar e compreender a cidade possibilita trabalhar várias discussões acerca dos conhecimentos geográficos, a fim de dar significados aos lugares vivenciados, ter criticidade em relação aos fenômenos, fatos e atos, que acontecem ao seu redor e em relação ao mundo.

Assim, pensar a cidade de São Gonçalo é promover uma discussão sobre os problemas e as questões pertinentes de um lugar, que tem suas singularidades. Ademais, os estudantes precisam compreender a cidade como aquela que educa, e também ensina.

Desenvolver na sala de aula e fora da escola atividades didáticas que promovem nos estudantes a possibilidade de serem participantes ativos na produção do conhecimento geográfico, de forma a romper com as aulas ditas tradicionais, é uma maneira de buscar dinamizar aprendizagens que sejam significativas para eles.

Assim, as atividades de aprendizagem trazendo a cidade de São Gonçalo enquanto conteúdo, promove a compreensão da escala local dos estudantes, pois estes vivem os problemas, as espacialidades tratadas nos conteúdos da geografia;

sem, contudo, fazer uma relação com o lugar vivido. A construção de atividades que propiciem a relação com a cartografia, o relevo e os problemas urbanos ambientais, permite um saber para além do tradicional conteúdo da sala de aula.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pelo financiamento do projeto de pesquisa.

REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Anice Esteves; PERCÍLIO, Ricardo Ribeiro. Materiais e métodos de abordagem à Geografia Física no Ensino Médio. In: IX **Encontro de Prática de Ensino de Geografia**. Niterói. Anais do IX Encontro de Prática de Ensino de Geografia. Niterói: UFF, 2007, s/p.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Lugar de Vivência: a cidade e a aprendizagem. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. (Org.). **Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. 1 ed. Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, pp. 37-56.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas-SP: Papirus, 2012.
HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

_____. **A produção social capitalista do espaço**. São Paulo: Anablume, 2005.

LEFEBVRE, Henry. **Espaço e política**. BH-MG: Ed. Da UFMG, 2008.

LIBÂNEO, José. Carlos. Teoria Histórico-Cultural e metodologia de ensino: para aprender a pensar geograficamente. Montevideu: **Anais de 12º EGAL**, 2009.

MEIRIEU, Phillippe. **Aprender... sim, Mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente da; CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. **Geoecologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SACRAMENTO, A.C.R.; SOUZA, C.V. A produção social do espaço e o ensino da cidade de São Gonçalo. Revista GeoUECE (Online), v. 5, n. 8, p. 06-32, jan./jun. 2016. ISSN 2317-028X.

SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem**. In CORRÊA, R.L, ROSENDAHL, Z. (Org). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDURJ, 1998.

SANTOS, Milton. **A Metamorfose do Espaço Habitado**. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo. EDUSP, 2008.

_____. **Técnica, espaço, tempo – globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo. Hucitec, 1994.

SILVA, Cátia Antonia. Processos de Urbanização em São Gonçalo no contexto metropolitana do Rio de Janeiro e suas consequências socioambientais. In: Marcelo Guerra Santos. (Org.). **Estudos ambientais em Regiões metropolitanas: São Gonçalo**. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, v. 1, pp. 41-58.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (et ali) **Terra Feições Ilustradas**. 2ª. edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

VEGA, Alfonso G. de la; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. Desafios e possibilidades para trabalhar relevo na educação geográfica. **Revista Geográfica de América Central** (online), v. 1, 2011, pp. 1-9.

SACRAMENTO, A.C.R.; SOUZA, C.V. A produção social do espaço e o ensino da cidade de São Gonçalo. Revista GeoUECE (Online), v. 5, n. 8, p. 06-32, jan./jun. 2016. ISSN 2317-028X.